



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM HISTÓRIA E CULTURA AFRO E INDÍGENA CEARENSE: CAMINHOS PARA IMPLEMENTAÇÃO DAS LEIS 10.639/03 E 11.645/08 EM FORTALEZA-CEARÁ

Autor: Rosilene Aires

*Secretaria da Educação do Ceará – SEDUC-CE / SEFOR
rosileneaires80@gmail.com*

Co-autores: Viviana Cavalcante Pinheiro de Lima

*Secretaria da Educação do Ceará – SEDUC-CE / SEFOR
vivi.cpl@gmail.com*

Rosaura Ribeiro e Silva Bessa

*Secretaria da Educação do Ceará – SEDUC-CE / SEFOR
rosaurabessa@gmail.com*

Francisca Hislly Bandeira Cavalcante

*Secretaria da Educação do Ceará – SEDUC-CE / SEFOR
hislly@gmail.com*

Resumo: O trabalho relata a importância da formação continuada de professores como ponto de partida para a implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08 no cotidiano de escolas cearenses. Para tanto, enfatiza-se a relevância dos momentos de sensibilização, reflexão e diálogo entre professores proporcionados pelo curso de formação em História e cultura Afro e indígena cearense realizado no ano de 2015 pela Célula de Formação, Programas e Projetos - CEFOP. Retrata-se o processo formativo segundo a etapa presencial e o conteúdo do primeiro eixo temático do curso, elencando as contribuições e desafios na implementação das temáticas afro e indígena no currículo escolar.

Palavras-chave: Formação continuada, Diversidade cultural, Relações étnico-raciais.

O índio é natureza, o índio é água viva
O índio ele existe, ele é de resistir
Na mata trabalha o índio, para ele tirar seu pão
na santa terra trabalha, pra ele tirar seu pão
Os índios estando junto, por sua terra lutar,
Sua terra demarcada e também homologada
Não podemos aceitar, esse tipo destruidor
que veio pra destruir a nossa santa Mãe Terra.
(Juliana Alves, 2015) ¹

Introdução

Sabemos que nossos instrumentos de trabalho na escola e na sala (materiais didáticos visuais e audiovisuais) carregam os mesmos conteúdos, viciosos, preconceituosos e depreciativos em relação aos povos e culturas não ocidentais. Corroboramos com Munanga (2005) quando enfatiza que os mesmos preconceitos permeiam as relações entre alunos, entre

¹ Poema de autoria da Cacique Pequena do povo Jenipapo- Kanindé colaboradora na formação sobre a História e cultura Afro e Indígena cearense. Encontra-se na íntegra em <<<http://revistalitoralleste.blogspot.com.br/2012/05/aldeia-indigena-jenipapo-kaninde-um.html>>>. Acesso em 01. Fev. 2015.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

professores e as relações de alunos com professores no espaço escolar. Segundo este autor, se nossa sociedade é plural, étnica e culturalmente, desde os primórdios de sua invenção pela força colonial, só podemos construí-la democraticamente respeitando a diversidade do nosso povo, ou seja, as matrizes étnico-raciais que deram ao Brasil a feição de índios, negros, orientais, brancos e mestiços. Almeja-se que a formação continuada de professores seja ponto de partida na promoção do respeito pela diversidade cultural no Ceará. Para tanto, enfatiza-se a relevância dos momentos de sensibilização, reflexão e diálogo entre professores com base nas Leis: 10.639\2003 e 11. 645\2008, com vistas ao cotidiano da escola e ao necessário exercício pedagógico envolvendo tais temáticas na sala de aula.

A primeira busca difundir a História e cultura afro-brasileira e africana no currículo do ensino básico. A segunda lei estabeleceu as bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e cultura afro-brasileira e indígena.

Estas culturas reúnem um conjunto de manifestações distintas influenciadas por povos de origem étnica diversa que aqui viveram. E os seus descendentes exercem papel de protagonistas no registro e na prática da cultura as próximas gerações. Portanto, estes mecanismos legais revisitam o currículo escolar com objetivo de empoderar as gerações atuais e futuras de tais conteúdos, reconhecendo-os a importância de inserir os traços culturais no cotidiano escolar.

Conforme Aires e Vasconcelos (2016 p.03), a função da escola como produtora de saberes e mediadora de conflitos é: “proporcionar à formulação de ideias e visões de mundo que podem desconstruir tais posturas e possibilitar a construção do respeito às diferenças, entendendo que a sociedade é formada pela orientação de sujeitos, sendo, portanto, passível de transformações”. E o Ceará, por meio da Secretaria de Educação – SEDUC contribui para essa valorização na medida em que, organizou o curso de formação continuada semipresencial aos professores da rede estadual de todos os municípios cearenses.

Na cidade de Fortaleza a efetivação dessa orientação pedagógica ficou a cargo da Célula de Formação Programas e Projetos – CEFOP² no período de Agosto de 2015 a Janeiro de 2016. O itinerário formativo compõe-se de bases prático-reflexivas advindas tanto dos referenciais teóricos estudados no curso, quanto das atividades virtuais propostas e realizadas na plataforma do curso e na prática pedagógica do ambiente escolar. Por fim, retrata-se este

² Esta célula integra a estrutura organizacional da Superintendência das Escolas Estaduais de Fortaleza – SEFOR. É constituída por uma equipe técnico-pedagógica que oferta assessoria aos profissionais da educação, ficando responsável por realizar encontros formativos, orientações e acompanhamento de ações pedagógicas nas escolas.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

processo educativo segundo suas etapas, o conteúdo do primeiro eixo temático, as contribuições e desafios na implementação das leis citadas e o compartilhamento de experiências advindas de docentes da rede estadual.

Metodologia

Conforme Garcia, Silva e Alexandre (2012), se faz necessário uma mudança de mentalidade, capaz de desvelar posturas e comportamentos, em que os indivíduos reflitam sobre sua história, cultura e a identidade racial que contempla a nossa escola e o nosso país. O percurso em tela abordou a educação para as relações étnico-raciais segundo uma metodologia dialógica com vistas a contribuir com práticas reflexivas e participativas junto aos docentes. Foram disponibilizadas 150 vagas, nas quais poderiam se inscrever um docente por escola da rede estadual de ensino que lecionasse qualquer componente curricular. Dessa forma, o curso contemplou 125 professores divididos em cinco turmas com a orientação de um tutor em cada grupo. Os tutores do curso são técnicos da CEFOP e professores da rede estadual de ensino convidado (as) a contribuir no curso, conforme a Tabela 1 a seguir:

Tabela 1 – Organização das turmas do curso em História e cultura afro e indígena cearense

Tutores	Participantes da Turma
Jenilson Sousa Nogueira (CEFOP)	25
Rosilene Aires (E. E.F. M Senador Osires Pontes)	26
Viviana Cavalcante Pinheiro de Lima (CEFOP)	24
Anna Maria de Lira Pontes (E. E. F. M Jáder Moreira de Carvalho)	25
Antônio Alex Pereira de Sousa (E. E.F. M Polivalente Modelo de Fortaleza)	25

Fonte: <http://ead.seduc.ce.gov.br/course/index.php?categoryid=74>

A formação totalizou uma carga horária de 120 horas dividida em duas etapas: um encontro presencial com duração de oito horas/aula e a formação a distancia com duração de 112 horas, completando a sua carga horária. A efetivação da matrícula no curso se deu mediante a presença do cursista no encontro presencial em formato de seminário. Restaram após o evento 25 vagas devido à ausência de inscrição no curso.

A primeira fase ocorreu em caráter presencial e no formato de seminário com mesa-redonda e oficinas. Este encontro aconteceu no dia 18 de Setembro de 2015, buscando suscitar a reflexão e o diálogo além de ofertar vivências pedagógicas, para a implementação das Leis destacadas no cotidiano da escola.

Para sua realização, firmou-se parcerias com professores pesquisadores das temáticas indígenas e negras oriundos de instituições de ensino superior, além de agentes sociais



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

atuantes nas coordenadorias estaduais e municipais da igualdade racial e dos movimentos sociais dos povos nativos e dos negros.

A segunda etapa desenvolveu-se na modalidade de educação à distância na plataforma virtual da Secretaria da Educação do Estado do Ceará, no período de 27 de setembro de 2015 a 31 de Janeiro de 2016, buscando sensibilizar os professores, na elaboração de situações de aprendizagem sobre as relações étnico-raciais no espaço escolar.

Os estudos teóricos e conceituais foram estruturados nos eixos temáticos: 1) Percebendo a Identidade; 2) Reconhecendo o contexto; 3) Pensando o cotidiano; 4) Refletindo o currículo escolar e 5) Vivências e Práticas. Optou-se por enfatizar o percurso formativo do primeiro eixo do curso segundo os objetivos, recursos didáticos disponíveis, as atividades propostas e as respectivas referências expostas no Quadro 01 a seguir:

Quadro 1 – Plano sequencial do curso de História e Cultura Afro-brasileira e indígena cearense realizado pelo CEFOP no Eixo Temático I: percebendo a identidade.

Eixo Temático	Objetivos	Recursos Didáticos Utilizados	Atividades	Referências
Percebendo a Identidade	Refletir sobre a identidade e a diversidade brasileira; Sensibilizar a comunidade escolar quanto à necessidade de trabalhar o respeito.	Vídeo 1: Índio no Ceará. Vídeo 2: O negro no Ceará	Enquete: Censo Étnico Racial; Fórum: Refletindo sobre a identidade	Silva, (2000); Molar (2012); Laraia (2001); Danon (2008); Assis e Nepomuceno, (2008); Munanga, (2005); Tavares, Tupinambá, e Gerlic (2015);

Fonte: <http://ead.seduc.ce.gov.br/course/index.php?categoryid=74>. Adaptado de Aires e Vasconcelos (2016).

Buscou identificar os caminhos percorridos pelos professores na implementação das Leis 10.639/03 e 11. 645\08 elencando os depoimentos que demonstram este trabalho pedagógico. Os respectivos docentes são denominados de P1, P2 e P3 para fins de sigilo da pesquisa. Neste momento, destacar-se-á o encontro presencial que marcou o início da formação seguido da caracterização do curso *on-line* com ênfase nos conteúdos e atividades realizadas no primeiro eixo conforme o Quadro 1, e nos subsídios pedagógicos proporcionados aos docentes participantes.

Perspectivas na formação de professores e os desafios à sua prática pedagógica

De acordo com Molar (2012, p.07) “a identidade de cada indivíduo ou dos grupos sociais é formada e re-significada continuamente nas representações sociais portadas pelos sujeitos, que se apresentam no cotidiano”. Em nosso cotidiano, buscou-se inicialmente reconhecer a identidade formativa inicial dos docentes que se inscreveram no curso.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O grupo analisado apresenta uma diversidade formativa, são oriundos, principalmente, das Ciências Humanas e das Linguagens, o que evidencia o maior interesse dessas áreas do conhecimento pelas temáticas do curso. No tocante às Ciências Humanas o predomínio foi de História com 40 participantes; seguidos dos professores de Geografia com 12 cursistas; Sociologia somou nove professores; Filosofia ficou com dez docentes e dois professores são formados em Estudos Sociais. Advindos da área de Linguagens o predomínio foi Artes com quatro professores; seguidos de três professores de Português e apenas um de educação física, totalizando 81 professores respondentes. Restaram ainda 44 pessoas que não informaram sua respectiva formação inicial.

a) Do encontro presencial e seus desdobramentos

Realizou-se em formato de seminário intitulado: I Seminário de História e Cultura Afro e Indígena cearense, enfatizando a temática “Caminhos para a implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08”, marcando a abertura do curso. Na ocasião, foram apresentadas experiências acadêmicas de professores e pesquisadores, práticas do cotidiano de povos indígenas e afro-brasileiros compartilhados por diversos atores sociais que estão na luta pela identidade e igualdade de direitos. O evento foi composto por apresentações culturais mesa redonda e quatro oficinas.

A mesa redonda intitulada Políticas Públicas, território, identidade e práticas pedagógicas, proporcionou o diálogo entre os diferentes agentes atuantes nas temáticas Afro e Indígena cearense.

A primeira convidada foi a Cacique Erê (criança herdeira) e professora da Escola Indígena do povo Jenipapo – Kanindé, Juliana Alves, que abordou a construção da identidade indígena cearense; a segunda convidada foi à pesquisadora Tereza Sandra Loiola Vasconcelos que tratou da questão do Território do povo Tremembé frente ao agronegócio³.

Destacaram-se, também, a professora Zelma Madeira, da Universidade Estadual do Ceará que abordou as Políticas Públicas voltadas à promoção da igualdade racial do Ceará e, por fim, a pesquisadora da Universidade Federal do Ceará, Sandra Petit, que enfatizou a temática: oralidades, narrativas e processos pedagógicos: contribuições curriculares na perspectiva das africanidades.

3 Este povo indígena cearense reside, segundo Vasconcelos (2015), na aldeia de Queimadas provenientes de Almofala, que desde 1927, se localiza no município de Acaraú na porção Noroeste do Estado do Ceará. A caracterização do conflito territorial encontra na íntegra em << <http://docplayer.com.br/8629001-Tereza-sandra-loiola-vasconcelos.html>>>. Acesso em 10. Dez.2015.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



No segundo momento, ocorreu o debate com a participação dos professores a cerca de suas vivências e práticas relacionadas aos temas da mesa redonda. Os distintos olhares ofertados na discussão ampliaram o repertório cultural dos professores. Afirma-se que, a partir desse debate a escola avançará na relação entre saberes escolares, realidade social e diversidade étnico-racial, na medida em que os docentes participantes após a sensibilização e vivência considerem no processo de ensino-aprendizagem dimensões como a ética, as diferentes identidades, a cultura, a sexualidade, as relações raciais, entre outros.

Ofertou-se na sequencia quatro situações de aprendizagem e cada participante optou por cursar duas delas ministradas pelos seguintes colaboradores: A oficina musicalidade do Afoxé para efetivação da Lei 10.639/03: práticas pedagógicas que ficou a cargo de Patrícia Pereira de Matos da Prefeitura Municipal de Fortaleza; O tema memória e território do povo indígena sob a responsabilidade de Ana Maria de Lira Pontes professora da rede estadual de ensino e tutora do curso conforme a Tabela 01; A oficina memória e patrimônio imaterial da cultura Afro e Indígena foi abordada por Viviana Cavalcante Pinheiro da rede estadual de ensino e tutora do curso conforme a Tabela 01; e a oficina limites e possibilidades na/para implementação da Lei 11.645/11 no Ensino Básico foi ministrada por Roberto Kenedy professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- UNILAB. Esta atividade encampada por professores, pesquisadores e militantes dos povos nativos e afro-brasileiros, assumiu um caráter teórico-prático direcionado a grupos de até 30 participantes com o intuito de proporcionar experiências que relacionassem os mecanismos legais a abordagem dos conteúdos relacionados à identidade dos sujeitos e a igualdade das etnias.

Verificou-se o pleno engajamento dos grupos diante das propostas aqui arroladas na medida em que elaboraram-se cartazes, realizaram estudos de textos e imagens, apresentaram seminários e dramatizações, participaram das dinâmicas, entre outros.

b) Da etapa virtual do curso e suas contribuições

O Eixo ora sublinhado denominou-se “percebendo a identidade”, o qual fora estruturado objetivando entender e discutir sobre as origens identitárias dos participantes.

Para tanto, estes tinham acesso aos vídeos e textos que versaram sobre os povos que compõem a sociedade cearense. Inicialmente, os cursistas responderam uma enquete composta por oito questões que buscaram: detectar a origem étnico-racial dos participantes; saber se os docentes reconhecem as práticas de racismo dentro e fora da escola; identificar se



III CONEDU

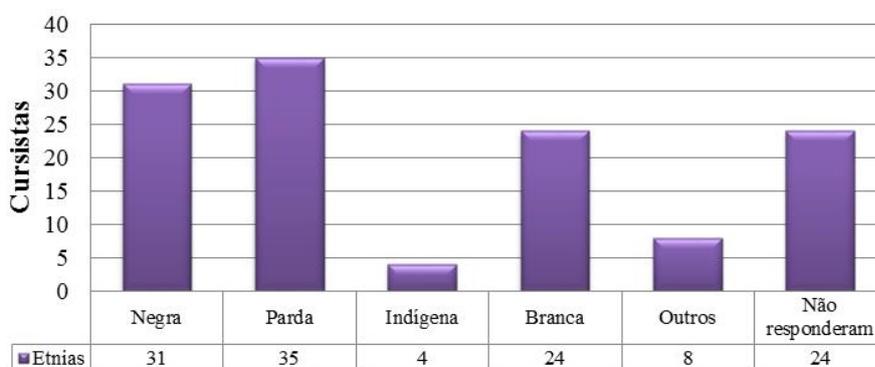
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

os docentes percebem as contribuições dos africanos e indígenas para as ciências e a cultura brasileira; e indicar se os professores já trabalharam com tais temáticas em suas aulas.

A primeira questão respondida nesta enquete referiu-se: O Brasil é um país multirracial. Segundo alguns pesquisadores, do ponto de vista da raça, nosso povo ainda em processo de formação como consequência da ampla miscigenação ocorrida entre nós desde a nossa colonização. Nos dias de hoje, por exemplo, para o IBGE, no Brasil, negro é quem assim se percebe. E você, com relação à cor e etnia, como se percebe? As respostas assinaladas pelos participantes são retratadas no Gráfico 01, a seguir:

Gráfico 01 – Panorama étnico-racial das turmas do curso

Panorama Étnico-racial das Turmas



Fonte: <http://ead.seduc.ce.gov.br/mod/questionnaire/view.php?id=1590>

Percebe-se que dos 125 professores cursistas 24 não participaram da atividade direcionando nossa análise para os 101 cursistas. Dos respondentes em primeiro lugar com cerca de 34% (35 pessoas) aparecem os pardos, seguidos por 30% (31 pessoas) de negros e apenas 4% (quatro pessoas) consideraram-se indígenas. O percentual de brancos neste cenário apresentou-se em terceiro lugar somando 24% (24 pessoas) e 8% (oito pessoas) assinalaram a opção outros por não serem representados pelas demais.

Compreende-se que o reconhecimento das identidades étnico-raciais é o ponto de partida para o debate sobre nossas origens individuais e coletivas no Ceará. Têm-se, então, o primeiro desafio que é preparar professores que efetivem em suas práticas uma forma desmistificadora de promover a reflexão a cerca das matrizes étnico-raciais, explorando suas nuances culturais.

A segunda questão respondida na enquete tratou do reconhecimento da prática do racismo pela população brasileira e as respostas são retratadas no Gráfico 02.



Gráfico 02 – Panorama das respostas sobre a prática do racismo pela população brasileira.

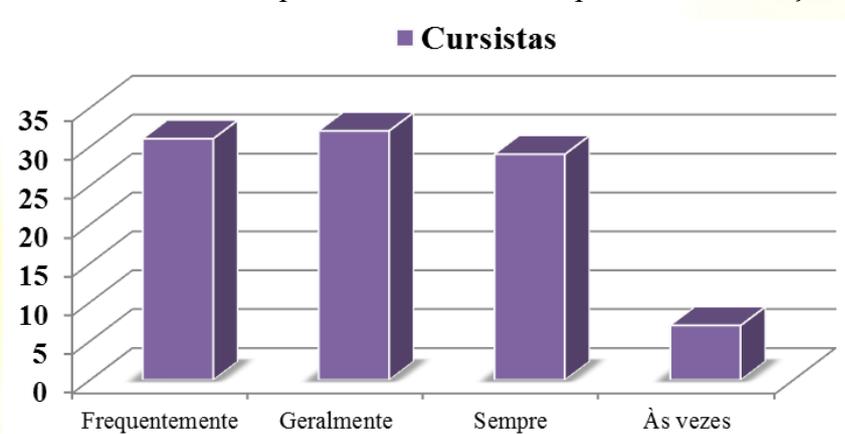


Fonte: <http://ead.seduc.ce.gov.br/mod/questionnaire/view.php?id=1590>.

Infelizmente, as práticas racistas no cotidiano ocorrem de forma intensa e frequente, pois cerca 95 dos respondentes reconhecem tais casos como frequentes (37%), geralmente (34%) e sempre (24%), os quais existem dentro e fora da escola brasileira. Detectando ações como estas, o segundo desafio é combatê-las com práticas pedagógicas que sejam permeadas de princípios éticos respeitando a nossa diversidade ética e cultural.

A terceira questão da enquete enfatizou a influência da cor ou raça na vida das pessoas no Brasil. Percebe-se o reconhecimento por parte dos docentes sobre as influencias da cor ou raça no cotidiano social uma vez que 30% reconhece esta prática como frequente e outros 26% afirmaram que o favorecimento social sempre ocorre, conforme mostra o Gráfico 03 a seguir:

Gráfico 03 – No Brasil, a vida das pessoas é influenciada por sua cor ou raça?



Fonte: <http://ead.seduc.ce.gov.br/mod/questionnaire/view.php?id=1590>



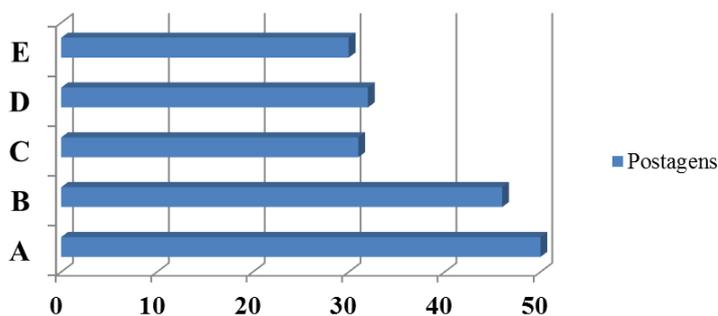
Eis, portanto, o terceiro desafio que é caracterizar na sala de aula a relação entre a raça e o mundo do trabalho, justificando e discutindo junto aos estudantes que as desigualdades sociais vigentes decorrem, também, dessas ações injustas que não valorizam méritos e habilidades, mas sim traços estéticos.

A segunda atividade virtual foi o fórum de discussão com o título de café virtual-refletindo sobre identidade. Os participantes balisaram suas contribuições com base nos seguintes materiais disponibilizados na plataforma: Molar (2012) e Munanga (2005), bem como os vídeos: Índios no Ceará⁴ e o vídeo O negro no Ceará⁵.

Com base nessas referências, os cursistas foram estimulados ao debate por meio das seguintes questões: Você identifica na(s) escola(s) que atua práticas de ensino e aprendizagem para educação das relações étnico-raciais? Em sua opinião as mesmas contribuem para o reconhecimento e construção da identidade dos seus alunos? Em que momentos de sua prática os vídeos (índios do Ceará e o negro no Ceará) poderão ser inseridos?

Diante das contribuições dos professores nas cinco turmas, obtivemos o seguinte panorama de participação dos cursistas evidenciado no Gráfico 04:

**Gráfico 4 – Panorama da Participação dos Cursistas no Fórum
Quantidades de Postagens nas Turmas**



Fonte: <http://ead.seduc.ce.gov.br/mod/questionnaire/view.php?id=1590>

Constata-se no Gráfico 04, que a participação das turmas na segunda atividade do eixo foi muito significativa, na medida em que ocorreram 189 postagens sobre as questões acima

4 Exibido em canal de TV cearense no ano de 2012 com duração de 41: 03 minutos, abordando aspectos da população e da cultura do povo indígena Tapeba e a sua luta pela preservação de sua identidade cultural. Disponível em << <https://www.youtube.com/watch?v=J5bjxjX85ak>>>

5 Exibido em canal de TV cearense no ano de 2012 com duração de 11: 05 minutos, é um episódio de uma série de cinco episódios em que enfatiza a presença do negro e seu reconhecimento na sociedade cearense e brasileira. Disponível em << <https://www.youtube.com/watch?v=ShJ5RV83eBY>>>



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

relatadas. Desse total, somente 49 postagens referiram-se a participação de seus respectivos tutores na condução do debate bem como no esclarecimento de dúvidas.

A autonomia e a interação dos cursistas na atividade destacada estão evidentes quando vislumbramos um total de 149 postagens de cursistas no fórum com o diálogo constante entre os docentes evidenciando uma diversidade de contextos e de ações didáticas em curso ou já realizadas.

Verificou-se ainda, o conhecimento sobre os dispositivos legais da temática africana e indígena, bem como o uso do material disponibilizado no curso em suas práticas. Por outro lado, algumas contribuições no fórum revelaram algumas limitações de ordem conceitual e pedagógica por parte de alguns docentes para trabalhar a questão indígena.

Analisando as contribuições do curso apresenta-se os depoimentos de três professores denominados: P1, P2 e P3 que expõem cenários formativos já percorridos em suas escolas na abordagem das temáticas ora discutidas, a saber:

P1: Os videos (índios do Ceará e o negro no Ceará) já eram de meu conhecimento. E inclusive os utilizei na disciplina de História, com as turmas de segundo ano em sala de aula. Esse ano, o debate foi um pouco maior, porque tenho uma aluna indígena (TAPEBA) (sua mãe leciona no Liceu do Ceará); e ao afirmar-se indígena, percebi por parte de alguns alunos um princípio de discriminação ao indagarem. "mas você não está pintada" "Onde você mora". E tais indagações, mesmo que carregadas de um estranhamento, serviram de base para que a discussão acontecesse e fosse produtiva. O curso de formação e a troca de vivências, propicia que nós professores possamos inserir, e construir materiais novos, um currículo novo, que valorize a cultura indígena e afro, sem cairmos no discurso de "Democracia Racial" de Gilberto Freire, que somente reforça a desigualdade ao valorizar somente o branco e o mestiço (claro). (Resposta ao Fórum I por M.R.B. Professora da rede estadual de 38 anos. Acesso em 01 de Outubro de 2015.)

P2: Realizo um trabalho, ainda que muito limitado, sobre a questão da identidade e, em seguida, da situação de vulnerabilidade que está submetida à população negra no Brasil. O objetivo é buscar que o(a)s estudantes negro(a)s se percebam como tal. E, a partir daí, fomentar o combate à opressão étnica-racial. Nesse mesmo viés, trabalham os professores de Sociologia e Filosofia. Essa é uma preocupação constante das aulas deles. Infelizmente, uma ação conjugada nossa acaba se reduzindo ao 20 de Novembro. Algo que "quebrou" essa dinâmica, nesse ano, foi a prisão de uma aluna nossa. Conseguimos identificar que o tempo de permanência dela na prisão - demasiado grande, apesar de ser réu primária e do tipo de crime que ela cometeu - estava ligado a fortes componentes de raça e classe. Essa situação levou a que fizéssemos uma intervenção na escola. Não consigo medir qual o resultado dela na consciência. No que tange à questão indígena, identifico muito mais dificuldades. Nosso nível de formação é muito baixo acerca do tema. (Resposta ao Fórum I por A.R.V. Professor da rede estadual de 41 anos. Acesso em 01 de Outubro de 2015)

P3: Na E.E.F.M.Estado do Paraná desenvolvemos práticas pedagógicas através de um projeto permanente desde 2010 que visa a aplicação da Lei 10639. Através deste projeto as atividades e práticas desenvolvidas envolveram, além das disciplinas de História, Literatura e Arte Educação, também outras disciplinas como a Filosofia, Sociologia, Educação Física, Inglês, Educação Religiosa e Geografia. O ponto alto



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

deste Projeto foi nos anos de 2012 e 2013.⁶ (Resposta ao Fórum I por M. C. F. C Professor da rede estadual de 25 anos. Acesso em 06 de Outubro de 2015)

O depoimento de P1 ressalta que, mesmo diante referências formais sobre a cultura indígena, a presença de uma aluna do povo Tabepa e suas vivências motivou um momento formativo na escola. A experiência relatada por P2 demonstra interdisciplinaridade entre componentes curriculares da área de Ciências Humanas, constituindo outra possibilidade de trabalho com a temática afro-brasileira e africana.

Por fim, o trabalho realizado por P3 demonstra, tanto interdisciplinaridade entre componentes curriculares de distintas áreas, quanto continuidade nas ações com resultados que podem ser visualizados em produção visual, constituindo-se referência para outras escolas, profissionais do ensino e estudantes.

Conclusões

Constatou-se que é desafiador e relevante formar professores que percorram caminhos didáticos desmistificadores que promovam a reflexão a cerca das matrizes étnico-raciais cearenses, contemplando a diversidade e explorando suas nuances culturais.

Na rede estadual de ensino, apesar de alguns docentes trilharem seus próprios cenários formativos junto aos estudantes, a partir dos mecanismos legais vigentes e dos materiais didáticos que encontram-se a sua disposição, ainda é urgente a necessidade de elaboração de materiais didáticos sobre a cultura Afro e indígena cearense bem como a preparação docente para abordar estas temáticas nas escolas cearenses.

Abrem-se novas perspectivas de continuidade da discussão sobre este percurso formativo a fim de ressaltar as contribuições dos outros quatro eixos temáticos em que verificou-se o compartilhamento de ações e saberes entre os participantes.

Referências Bibliográficas

AIRES. R.; VASCONCELOS. T. S. L. **As relações étnico-raciais na escola: (Re) conhecendo trajetórias com o ensino de Geografia no Ceará.** IV Seminário Nacional do Ensino Médio (IV SENACEM)/ I Encontro Nacional Ensino Interdisciplinariedade, 2016, Mossoró (RN). Ensino Médio integrado: políticas, currículos e práticas. Mossoró (RN): UERN, 2016. v. 1. p. 1478-1494.

ASSIS, C. L.; NEPOMUCENO, C. M. **Estudos contemporâneos de cultura (Des)encontro de culturas: Etnocentrismo e Relativismo.** Campina Grande: UEPB/UFRN, 2008.

⁶ Abaixo segue o link com vídeo das ações pedagógicas com a narração de algumas atividades. Disponível em: <<[\(83\) 3322.3222](https://www.youtube.com/watch?v=SeBaG5UKFV4&list=PLqgY8ph7eC2wfpqweo_RjvqhdQcNnRq5r&index=>>> . Acesso em 20. Out. 2015.</p></div><div data-bbox=)



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

BRASIL. **Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

BRASIL. **Resolução CNE/ CP nº 01, de 17 de dezembro de 2004.** Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

DANON, C. A. F. **Estudos culturais.** Curitiba: Aymar, 2008.

GARCIA, A. S. M; SILVA, M. P.; ALEXANDRE, I. J. **Desafios e Perspectivas na Formação de Professores e a lei 10.639/03.** In: Revista Eventos Pedagógicos v.3, n.2, p. 282 – 290, Mai - Jul. 2012.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

MOLAR, A. **Alteridade na educação: noção em construção.** Revista NUPEM (*edição on-line*), Vol. 3, nº 5, 2012.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola.** Brasília: MEC, 2005.

PALITOT, E. M. **Na mata do sabiá: contribuições sobre a presença indígena no Ceará.** Fortaleza: Secretaria de Cultura do Ceará / Museu do Ceará, 2009.

SILVA. T. T. **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

TAVARES, J. B.; TUPINAMBÁ P. T.; GERLIC, S. **Pelas mulheres indígenas.** Salvador: Thidewa, 2015.

VASCONCELOS, T. S. L. **“Por onde andam os coqueirais?”** Os territórios tensionados e as tensões territoriais no Estado do Ceará. (Tese de Doutorado). Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2015. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/8629001-Tereza-sandra-loiola-vasconcelos.html>>. Acesso em 10. Dez. 2015.